



4ª EDIÇÃO

Sis  **Cultura**



UFAM

REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA

LOCAL

Av. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 3.000/Campus Universitário – Setor Norte

IFCHS CEP 69077-000

Manaus – Amazonas – Brasil

APOIO

PATROCÍNIO



Reitor*Sylvio Mário Puga Ferreira***Vice-reitor***Jacob Moysés Cohen***Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-graduação***Selma Suely Baçal de Oliveira***Conselho Editorial da EDUA***Henrique dos Santos Pereira – Presidente Antonio**Carlos Witkoski**Domingos Sávio Nunes de Lima**Edileno Silva de Moura**Elizabeth Ferreira Cartaxo**Spartaco Astolfi Filho**Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel***Coordenação do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia***Coordenadora: Iraildes Caldas Torres**Vice-Coordenadora: Artemis de Araújo Soares**Membros: Nelson Matos de Noronha**Gláucio Campos Gomes de Matos***Coordenação do 4º SisCultura****Coordenadora Geral***Iraildes Caldas Torres***Equipe de Coordenação***Adson Manoel Bulhões da Silva**Alessandra do Amaral Sales**Aline dos Santos Pedraça**Alfredo Wagner Berno de Almeida**Ana Paula Dias Corrêa**Artemis de Araújo Soares**Diogo Gonzaga Torres Neto**Raphael Henrique Cortezão**Marcos Antônio Braga de Freitas**Maria Luiza Cardinale Baptista**Maria Sandrelle Gonçalves de Oliveira**Marilene Corrêa da Silva Freitas**Naia Maria Guerreiro Dias**Neida C. Albornoz Arias**Rooney Augusto Vasconcelos Barros**Rosa Ester Rossini**Rina Mazuera Arias**Simone Costa de Lima**Yomarley Lopes Holanda***Comissão Científica***Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres (UFAM)**Profa. Dra. Rosa Ester Rossini (USP)**Neida Coromoto Albornoz Arias*

Rina Mazuera Arias
Maria Luíza Cardinale Baptista
Alfredo Wagner Berno de Almeida

Secretaria

Alessandra do Amaral Sales
Ana Paula Dias Corrêa

Comissão de Editoração, Correção e Diagramação

Alessandra do Amaral Sales
Ana Paula Dias Corrêa
Andrea Costa de Andrade
Iraildes Caldas Torres
Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa
Vânia Cantuário de Andrade

Comissão de Infraestrutura

Adson Manoel Bulhões da Silva
Rooney Augusto Vasconcelos Barros

Comissão de Monitoria

Simone Costa de Lima
Robson França F. Rodrigues
Ana Paula Dias Corrêa
Rayane de Oliveira Viana
Maria Sandrelle Gonçalves Marques
Adson Manoel Bulhões da Silva
Francianny Maia da Silva
Elisiane Andrade de Sousa
Alessandra do Amaral Sales

Comissão de Cerimonial

Elisiane Andrade de Sousa
Maria Sandrelle Gonçalves de Oliveira
Raphael Henrique Cortezão

Comissão de Gerenciamento de Mídias

Ana Paula Dias Corrêa
Leandro Viana Santos
Raissa Cristina Dantas de Arruda

Comissão de Pareceristas

Alexandre Santos de Oliveira
Artemis de Araújo Soares
Gláucio Campos Gomes de Matos
Iraildes Caldas Torres
Marilene Corrêa da Silva Freitas
Odenei Ribeiro de Sousa
Renilda Aparecida Costa
Yomarley Lopes Holanda

Comissão de Interpretação e Tradução

Amanda Souza da Silva
Erich Teles Bezerra

FICHA CATALOGRÁFICA

Anais publicado em 2020

Anais do 4º SisCultura – Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 4, n. 4, nov. 2020 – Manaus: Edua/Capes/Fapeam, 2020 - v. IV;

CD-ROOM.; il.; 4 ¾ pol.

Bianual

Publicação vinculada ao PPG Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia

ISSN: 2359-5353

CDU360

1. Seminário; 2. Cultura Panamazônica; 3. Amazônia – Sociologia; 4. Amazônia – Antropologia; 5. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

Editora da Universidade Federal do Amazonas

Av. Gal Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3.000,

Campus Universitário – Setor Norte. Coroado I. CEP 69077-000 Manaus/AM Telefax:
+55 92 3305-4291

www.ufam.edu.br

E-mail: edua_ufam@yahoo.com.br

Universidade Federal do Amazonas Instituto de
Filosofia, Ciências Humanas e Sociais

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

Av. Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 3.000/Campus Universitário

– IFCHS CEP 69077-000 Manaus – Amazonas – Brasil

Fone/Fax: +55 92 3205-4580/3305-458

www.ufam.edu.br www.ppgsca.ufam.edu.br E-

mail: secppgsca@ufam.edu.br

Interação social dos agricultores familiares no mercado virtual na cidade de Manaus/AM

Silas Garcia Aquino de Sousa²⁰

Maria Isabel de Araújo²¹

Introdução

Diante da crise planetária, o mundo tem vivenciado uma atípica situação, marcada pela pandemia do Covid-19, decorrente da desestruturação sanitária, que modificou em todos os âmbitos (econômico, social e ambiental) o *modus operandi* da sociedade. Numa acepção do arcabouço teórico metodológico da teoria eliasiana, os processos sociais são capazes de estabelecer figurações entre os indivíduos, figurações estas que são dinâmicas dos seres humanos interdependentes formando, uns com os outros, um emaranhado flexível de comportamentos e tensões, formalizados e institucionalizados comumente nas especificidades e pertinência na constituição de grupos, família, igreja, escola, clubes sociais, cidades.

Infelizmente, dada a urgência da situação da pandemia do Covid-19, não possibilitando que a humanidade galgasse um período de estágio adaptativo, nesse ínterim, foi obrigada a substituir em curto espaço de tempo novas configurações nas redes de interdependência dos indivíduos – a figuração *on-line* e *off-line*.

Por imposição do isolamento social (medidas sanitárias) novas expressões começaram a fazer parte do cotidiano dos indivíduos, tais como: abraços substituídos por *emojis*; apresentações artísticas, reuniões, seminários, por *lives* e vídeo conferências; o trabalho administrativo nos escritórios por serviços em *home office*; missas, procissões, novenário presenciais por transmissões *on-line*, via plataforma digital; aulas presenciais por aulas remotas, a distância, conteúdos digitais; e visitas a pontos turísticos, exposições, museus, via turismo virtual.

Entretanto, a dinâmica da mudança é heterogênea. A relação preservação, conservação e valorização das formas de organização, trabalho, gestão, sociedade e cultura na hinterlândia amazônica estão diretamente relacionadas à segurança e a soberania alimentar dos agricultores familiares, reproduzidos nos diferentes agroecossistemas da unidade familiar produtiva (UFP). Esses sistemas de produção são fundamentados na otimização do manejo dos recursos naturais,

²⁰ Embrapa Amazônia Ocidental. Dr. em Conservação da Natureza. silas.garcia@embrapa.br

²¹ UNIFAVENI. MSc em Sociedade e Cultura na Amazônia. miar@terra.com.br

constituídas de atividades agrícolas, uma das ações coletivas mais impactantes do homem no processo de ocupação da terra e da produção agroalimentar.

Considerando que os seres humanos, em seus primórdios, eram caçadores e coletores, construindo a base da humanidade no diálogo harmônico com a natureza, desenvolveram gradativamente, outras ferramentas de fácil acesso a suas necessidades de sobrevivência, assim como novas reflexões, ações e atitudes humanas sobre a natureza, a partir de então passando a ser de dominação. Frente à concepção de que o processo de construção do conhecimento parte do preceito “interdisciplinar”, refletindo a cultura alimentar, tema do presente estudo, está associado ao contexto da produção agroecológica e os (des)arranjos econômicos e alternativas sustentáveis no período de isolamento social (reclusão domiciliar).

Nesse sentido, a presente reflexão com abordagem socioantropológica, dada a relevância atual do tema para o desenvolvimento sustentável na Amazônia e fortalecimento da agricultura familiar, diante da crise sanitária pandêmica do coronavírus, cujas informações aqui contidas representam importante contribuição para o setor produtivo, em busca de alternativas à melhoria da qualidade de vida dos amazônidas, atrelada à necessidade de se desenvolver agrossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos externos, fortalecendo a segurança e soberania alimentar que é desafiador na hinterlândia Amazônica, pois exige dos agricultores mudanças *high tech* diante das técnicas utilizadas (corte e queima da capoeira, roça, plantio, colheita e comercialização) na cultura da preservação ambiental à comercialização da produção.

Material e métodos

Nas tessituras do presente relato foram realizadas em etapas, não seguindo uma linearidade entre a pesquisa empírica e as visitas *in loco* (netnográfica) e as veredas da teoria, construindo desse modo, o processo teórico-metodológico. Para tanto utilizamos como abordagem metodológica uma reflexão estruturada numa análise em três metodologias: A revisão bibliográfica, documental, no método da pesquisa-ação, netnografia (estudos de comunidades e culturas online) com elementos da representação social do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, como modo de resgatar as representações sociais, que tomam por base o saber comum.

O embasamento da pesquisa-ação netnográfica, seguiu o preposto teórico de THIOLENT (2004), que define a pesquisa-ação como sendo: uma pesquisa social, com base

empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo e a netnografia.

Quanto à questão do método netnográfico, reportamos a KOZINETS (2010), qual define que o método (netnográfico) não trata as comunicações realizadas no ambiente digital como conteúdo, mas como interações sociais, oportunizando no ciberespaço situações de socialidade em rede, expressões carregadas de significado e artefatos culturais, considerando o atual momento da crise sanitária decorrente doença biológica (COVID-19) causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), a pandemia do coronavírus.

Na proposta qualitativo com enfoque nas pesquisas das representações sociais de LEFÈVRE & LEFÈVRE (2006), na pesquisa de campo por meio da observação direta com entrevistas semi-estruturadas (Netnografia) através do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, que difere de outros métodos e técnicas usados em estudos que envolvem a Internet em relação à abordagem do objeto de estudo.

A análise dos dados ocorreu através do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, traz elementos da agricultura familiar sobre o meio ambiente e as práticas agrícolas, cuja análise se relaciona com a equidade dos meios de produção no recorte espaço-temporal da ação humana, tanto pela produção agrícola como pela comercialização, efetivado por meio de dados da pesquisa de campo *on-line* no 2º trimestre do ano de 2020, junto as comunidades de produtores agroecológicos, zona urbana da cidade de Manaus/AM, coordenadas geográficas: 2°56'00,0''S 59°51'00.0''W, através de formulários utilizadas as redes sociais como disseminadores do mesmo.

O questionário, realizado *on line*, com perguntas fechadas contendo aspectos sociodemográficos, sem identificação dos participantes, seguindo às normas das Resoluções CNS/MS 466/12 e 510/16.

Com acompanhamento periódico *on-line* das rodadas de conversas, das demandas, ofertas e entrega dos produtos agrícolas, via *delivery* ou em pontos de entrega, dos agricultores associados a Rede Maniva de Agroecologia (Rema).

Antes da pandemia, a comercialização era realizada nas feiras da cidade. Durante a pandemia (abril–julho/2020) a lista de compras era escrita nos diferentes aplicativos das redes sociais da internet.

Nessa nova realidade, um novo ajuri (trabalho coletivo, solidário e social) renasce e se configura como um processo em evolução e de desenvolvimento social complexo, agrupando

diversas configurações sociais – família, grupos sociais e econômico e solidário, entre outras, em um espaço temporal virtual – a internet e suas várias aplicações.

Resultados e discussões

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), junto a renomados e diversos centros de pesquisa do mundo, recomendaram o isolamento social, que as pessoas ficassem em casa, sugerindo todo afastamento social, até que se comprovassem as forma e causas de infecções/contaminação da doença respiratória, o novo coronavírus (SARS-CoV-2-Covid-19), bem como usar máscaras, evitando o compartilhamento de objetos de uso pessoal, evitar tocar os olhos, nariz e a boca, lavar com frequências as mãos com água e sabão, manter o ambiente ventilado (MACHADO, 2009).

Diante de tal crise planetária o mundo tem vivenciado uma atípica situação, marcada pela pandemia do Covid-19, decorrente da desestruturação sanitária, estados brasileiros, indo na contramão das propostas aprovadas do Governo Federal, vêm tomando decisões independentes (desenvolvendo) para tentar manter a liquidez de seus orçamentos. É notório que algumas ações como o auxílio emergencial, seguro-desemprego, saque do FGST..., não obstante, ainda se mostram tímidas, pois o estágio calamitoso qual se encontra o País requer atuações mais contundentes.

Segundo COLOMBI et al. (2020) [...] Até o momento, as medidas estão muito distantes, inclusive algumas vão na contramão, do que muitos países estão adotando visando a minimizar os efeitos deletérios da crise à saúde, às relações de trabalho e à economia como um todo.

Nessa conjuntura, o presidente do Brasil, tem concentrado suas ações no âmbito econômico, no entanto, é altíssimo o número de empresas, entidades, grupos de pessoas que estão em situação de pauperização extrema, alta vulnerabilidade e um expressivo quadro de desigualdade socioespacial, econômica e educacional que são os mais impactados.

O *modus operandi* da sociedade, que infelizmente, dada a urgência da situação atual da pandemia do Covid-19 (distanciamento social, *lockdown*, quarentena, restrição à circulação) não possibilitou a humanidade que transitasse por um período de estágio adaptativo, ocorrendo uma ruptura no ritmo e estilo de vida, obrigado os indivíduos a substituir em curto espaço de tempo, atividades sociais que não coadunavam com o ritmo e estilo de vida da atualidade.

Diante do quadro pandêmico da Covid-19, os hábitos sociais dos indivíduos na sociedade mudaram, estão se (re)adaptando, (re)inventando, (re)descobrimo novos valores, repensando conceitos, refletindo sobre distintas perspectivas, (des)terceirizando funções,

preenchendo o espaço-tempo abalado visivelmente por sua abundância (superior ao necessário) diante da pandemia desencadeada pelo novo coronavírus (Covid-19), que trouxe uma tendência transformadora com consequências positivas e negativas cujo impacto deve ser pensado no contexto do processo civilizador.

Considerando que o processo civilizador (ELIAS, 1989) é a transmissão de uma cultura que, com suas regras e normas sociais, de origem externa, se firmam no indivíduo e passem a operar sob a forma de autocontrole, essas transmissões civilizatórias diante da pandemia do Covid-19 atingiram não somente os sistemas de saúde, a economia, a cultura e a política na hinterlândia amazônica, mas também o hábito alimentar que, ainda coadjuvante dessas mudanças, obrigou os agricultores familiares da região amazônica, adaptarem-se rapidamente às novas tendências.

Assim, um novo status transformou drasticamente as configurações nas redes de interdependência dos agricultores familiares, surpreendidos por um momento atípico, visto que o mundo digital não fazia parte das atividades agrícolas e da vida cotidiana dos agricultores.

Nesse sentido, nota-se que a crise protagonizada pelo coronavírus enalteceu o interesse por alimentos biológicos, cultivados de forma ecologicamente correta, sem vestígios de agrotóxicos.

O recorte espaço-temporal da ação humana durante a pandemia do Covid-19 constitui ainda aspectos a serem superados diante do consumo de alimentos saudáveis e sustentáveis sem o uso de agroquímicos no meio de produção, a exemplo do cultivo de produtos orgânicos.

Ocorre que nos espaços agrícolas da hinterlândia amazônica não existe a diversidade de serviços oferecidos pelas inovações tecnológicas do agronegócio no campo agrícola (AgTechs²²), entretanto os agricultores familiares são enaltificados pela solidariedade participativa nas diversas ações coletivas coordenadas à distância, diversas redes sociais formaram campanhas em prol da transição agroecológica no contexto da sustentabilidade tendo como essência o processo de ecologização, que corresponde a preocupação ambiental com introdução dos valores ambientais nas práticas agrícolas.

O comportamento comunitário dos agricultores familiar tem pouca ou nenhuma experiência com catástrofes e calamidades, entretanto existe a cultura local de prevenção dessas situações, as condições de vida, os hábitos, e o conhecimento sobre como tratar as doenças,

²²**Agtechs** acrônimo de “tecnologia agrícola” em inglês são empresas de tecnologia *startups* com foco no mercado agrícola **de inovação agrícola** que atuam no mercado do **agronegócio, por meio de softwares, equipamentos e sistemas tecnológicos, em todas as fases da cadeia produtiva, para mitigar perdas, reduzir resíduos derivados da atividade e aumentar a produtividade de forma ambiental, social e economicamente sustentável.**

com base na medicina popular, influenciaram no prognóstico. A grande responsabilidade da comunidade em conter a progressão da pandemia estava no fato de que muitos possuíam capacidade funcional disponível, e com apoio de recursos vindos de familiares, assistência emergencial, vaquinhas digitais, ficaram em suas propriedades.

Entretanto, o que se observou com os partícipes da pesquisa é que devido ao fato de residirem na propriedade, frequentam muito pouco locais e com menor número de indivíduos, as vindas à cidade, somente nos dias de quinta-feira e sábado, para comercialização da produção, não utilizam o transporte público, adotaram as medidas preventivas, como o uso máscaras, de álcool em gel para higienização das mãos, bem como medidas terapêuticas, como o uso de paliativos naturais (chá de jambu com limão e alho, hortelã, andiroba, mastruz) disponíveis na propriedade como prevenção.

A vida interiorana, fora do centro urbano (Figura 1) parece proporcionar uma maior teia de interdependência com suporte social, apoiado na sobrevivência, suprimindo a ausência do Estado nas suas muitas necessidades públicas básicas (educação, saúde, segurança pública...), tal situação formam configuração social (Elias, 1989), criando vínculos que tornam a distância e o isolamento mais fáceis, provavelmente, essas configurações e a ligação social com parentes e amigos na cidade ajudaram no fortalecimento da superação do isolamento social.

Figura 1 - Quintais agroflorestais.



O período de isolamento social favoreceu a compulsão alimentar, entretanto, como medida de proteção a saúde, mesmo sem evidências científicas comprovadas, a população

(consumidores) associou a ingestão de alguns alimentos e suplementos alimentares como a cura ou a prevenção do coronavírus.

A oferta de produtos nas vendas *delivery*, constituíram-se (Tabela 1) de espécies agrícolas, Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM), produtos agrícolas de base ecológicos, orgânicos, do agroextrativismo, fitoterápicos, dentre outros produtos semiprocessados, bem como produtos de origem animal (peixes, aves, ovos).

Dentre os produtos processados destacaram-se: farinha de tapioca, farinha com pimenta, ovinha, uarini, café moído, queijos, pé-de-moleque, beijú-cica, polpas de frutas, além de mudas de plantas condimentares e plantas medicinais. Verificou-se a oferta de produtos naturais de origem vegetal e animal (creme de mulateiro, pomada de poraquê, óleo de andiroba, óleo de copaíba, óleo de puxuri, banha de poraquê, xarope unha de gato, casca de miraruirá, xarope sangue de dragão, entre outros).

Dentre os produtos semiprocessados, destacaram: balas de açaí, balas de castanha, balas de coco, balas de cupuaçu, balas de maracujá, bananadas, salame de cupuaçu, doce de leite, geleias e chips de diversas frutas tropicais, molho de pimenta dentre outros, oriundos da agroindústria familiar que, dependem da sazonalidade da produção, disponibilizados aos consumidores via plataformas digitais.

Quadro 1 - Espécies agrícolas, florestais e outros derivados.

Nome etnocomum	Nome científico
Abacate	<i>Persea americana</i>
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>
Abiu	<i>Pouteria caimito</i>
Abóbora ou jerimum	<i>Cucurbita pepo</i>
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>
Açaí	<i>Euterpe precatória</i>
Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Alfavaca	<i>Ocimum campechianum</i>
Almeirão	<i>Cichorium intybus</i>
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>
Araçá	<i>Psidium sp</i>
Araruta	<i>Maranta arundinacea</i>
Ariá	<i>Calathea allouia</i>
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i>
Bacuri	<i>Platonia insignis</i>
Banana	<i>Musa sp</i>
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i>
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>

Bertalha	<i>Basella alba</i>
Biribá	<i>Rollinia mucosa</i>
Cacau	<i>Theobroma cacao</i>
Cajarana	<i>Spondias Lutea</i>
Caju	<i>Anacardium occidentale</i>
Camu-camu	<i>Myrciaria dubia</i>
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
Cará-do-ar	<i>Dioscorea bulbifera</i>
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i>
Cariru	<i>Talinum triangulare</i>
Casca de castanha	<i>Bertolletia excelsa</i>
Casca de jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>
Casca de jucá	<i>Caesalpinia férrea</i>
Casca de preciosa	<i>Aniba duckei</i>
Casca de taperebá	<i>Spondias mobil</i>
Casca de uxi	<i>Endopleura uchi</i>
Castanha	<i>Bertholletia exelsa</i>
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>
Chicória	<i>Eryngium foetidum</i>
Coco	<i>Cocus nucifera</i>
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>
Corama	<i>Bryophyllum pinnatum</i>
Couve	<i>Brassica oleracea</i>
Cúbio	<i>Solanum sessiliflorum</i>
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i>
Diversos tipos breu	<i>Protium sp</i>
Espinafre-amazônico	<i>Alternanthera sessilis</i>
Feijão-de-metro	<i>Vigna unguiculata sub</i>
Feijão-macuco	<i>Pachyrhizus tuberosus</i>
Figo-roxo	<i>Ficus carica</i>
Fisális (camapu)	<i>Physalis peruviana</i>
Folha-doce	<i>Sauropus androgynus</i>
Fruta pão	<i>Artocarpus altilis</i>
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>
Graviola	<i>Annona muricata</i>
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>
Ingá	<i>Inga sp</i>
Inhame	<i>Colocasia esculenta</i>
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i>
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>
Jucá	<i>Caesalpinia férrea</i>
Laranja	<i>Citrus sinensis</i>
Licor de jenipapo	<i>Genipa americana</i>

Limão	<i>Citrus limon</i>
Mamão	<i>Carica papaya</i>
Mandioca/macaxeira	<i>Manihot esculenta</i>
Manga	<i>Mangifera indica</i>
Mangarataia/Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>
Mastruz	<i>Coronopusdidymus.</i>
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>
Melancia	<i>Citrullus lanatus</i>
Milho	<i>Zea mays</i>
Óleo de andiroba	<i>Carapa guianensis</i>
Óleo de copaíba	<i>Copaifera officinalis</i>
Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia aculeata</i>
Peixinho-da-horta	<i>Stachys lanata</i>
Pepino comum	<i>Cucumis sativus</i>
Pepino-do-mato	<i>Ambelania ac</i>
Pimenta	<i>Capsicum frutescens</i>
Pimentão	<i>Capsicum annum Group</i>
Polpa de açaí	<i>Euterpe precatória</i>
Polpa de bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i>
Polpa de bacuri	<i>Garcinia ssp</i>
Polpa de buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>
Polpa de caju	<i>Anacardium occidentale</i>
Polpa de camu-camu	<i>Myrciaria dúbia</i>
Polpa de murici	<i>Byrsonima crassifolia</i>
Polpa de tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>
Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i>
Quiabo-de-metro	<i>Trichosanthes cucumerina</i>
Repolho	<i>Brassica oleracea var. capitata</i>
Rúcula	<i>Eruca vesicaria ssp.</i>
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>
Semente de cumaru	<i>Dipteryx odorata</i>
Taioba	<i>Petroselinum crispum</i>
Taperebá	<i>Spondias mombin</i>
Tucumã	<i>Astrocaryum aculeatum</i>
Uchi	<i>Endopleura uchi</i>
Urucum	<i>Bixa orellana</i>
Vinho de patauí	<i>Oenocarpus bataua</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Brito (2003) relata que os PFNM consistem na principal fonte de renda e alimentação de milhares de famílias que vivem da extração florestal em várias partes do mundo, constituindo oportunidade real para o incremento da renda familiar dos extrativistas, seja por meio de sua exploração em manejo ou em cultivos domesticados.

Neste contexto, destaca Caporal (2009) que é necessário “o direcionamento de ações e atividades que promovam novos estilos de desenvolvimento e de agricultura, que respeitem não só às condições específicas de cada agroecossistema, mas também a preservação da biodiversidade e da diversidade cultural”.

Compreendemos assim, a partir da teoria do processo civilizador (ELIAS, 1980), que as configurações sociais, construídas inicialmente de poder (econômico, social e político), transformam concomitantemente a personalidade dos indivíduos, ou seja, o processo civilizador, pela experimentação e reflexão qual estamos passando, com a imposição do isolamento social causada pela pandemia do Covid-19, ou seja, estamos confrontando antigas práticas e *habitus* nesse ‘novo normal’, ‘nova realidade’, presente na vida dos cidadãos, na sociedade #FiqueEmCasa, formando nova figuração (o ser humano como personalidade aberta) nas teias de interdependência, cuja autonomia orientada e dependente de outras pessoas, mas também de grupos interdependentes, no caso dos agricultores familiares, dos grupos de interesse na produção agroecológica, orgânica, de amigos que compartilham ideias (conscientes) de novos padrões de comportamento para tornarem-se *habitus*, alimentares, livres de substâncias tóxicas, reduzindo ao mínimo a contaminação e degradação dos recursos naturais e o emprego de recursos não renováveis.

Elias (1980, p. 16), ao abordar sobre as estruturas e processos sociais nas relações de

grupos de pessoas destaca que as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. Cada uma dessas pessoas constitui um ego, uma pessoa, como se diz muitas vezes numa linguagem de natureza reificante e coercitiva. Entre estas colocamo-nos nós.

Araújo (2019, p. 68) destaca que as configurações sociais suscitam uma complexa relação,

formada por grupos interdependentes de pessoas e não por indivíduos singulares, cujas ações são embasadas no senso comum da participação comunitária, que nenhuma forma de organização, qualquer que seja sua estrutura ou natureza, poderá trabalhar individualmente na construção social.

Assim, os resultados revelaram que a internet proporcionou aos agricultores familiares novas formas de interações sociais, com apropriação de tecnologias para venda pela internet, que era uma estratégia de comercialização praticada somente pelos grandes empreendedores (estabelecidos).

Com a internet os agricultores familiares (outsiders) puderam trocar informações entre eles e os consumidores, diminuindo assim o distanciamento social. Organizaram-se em NetRede, com apoio da Rede Maniva de Agroecologia (Rema), e auxiliada pelos membros mais jovens da família e vizinhos, configurando em nova rede “NetRema”, para ofertar os produtos agrícolas, receber as demandas e fazer as devidas entregas aos consumidores.

Além disso, com essa tecnologia ocorreu a possibilidade de troca de diferentes tipos de conhecimento e experiências quase em tempo real, gerando maior transparência, confiança e credibilidade de como é produzido o alimento que as pessoas consomem na cidade.

Considerações finais

A partir dos impactos sociais decorrentes da pandemia do Covid-19, surge a necessidade de um novo modelo de comercialização no contexto da agroecologia e da produção orgânica dos agricultores familiares da hinterlândia amazônica.

Imensas barreiras tecnológicas, mudanças *high tech*, quais não foram preparados para lidar, não houve e não há tempo para um estágio, o momento é de interação, produção, criatividade, objetividade, simplicidade e autonomia do agricultor familiar junto a sociedade, *#FiqueEmCasa*, que almeja a minimização de tais problemas, ofertando produtos via *delivery* da agricultura familiar, demonstrando as preocupações ambientais em relação as práticas sanitárias recomendadas.

Para isso, faz-se necessário novas atitudes para o equilíbrio entre as múltiplas dimensões, econômica, social, institucional, cultural e ambiental, contribuindo, assim, para o alcance do desenvolvimento sustentável.

A prática de uma alimentação mais saudável, baseadas em alimentos *in natura* (carnes, frutas, grãos diversos, legumes, oleaginosas, ovos, raízes, tubérculos e verduras), e temperos naturais (alfavaca, alecrim, cebolinha, chicória, coentro, manjeriço, salsinha), evitando os ultraprocessados com grandes quantidades de sal, gorduras e açúcar, além de aromatizantes, corantes, conservantes e estabilizantes, de acordo com as orientações do Ministério da Saúde, estimularam as vendas da produção agrícola de base ecológica dos agricultores familiares, compondo uma rede de interdependência na dinâmica de compra e venda entre as comunidades dos agricultores familiares, os coordenadores de venda *delivery* e os consumidores.

Conclui-se que a os agricultores familiares da Rema constituíram com a NetRede compartilhada socialmente uma relação de poder para executar as atividades econômicas de

compra e venda da produção de suas unidades produtivas familiares, em uma localização real, facilitado pelo ambiente virtual, além disso, puderam compartilhar conhecimento e experiências com seus grupos sociais, diminuindo o distanciamento social imposto pelo Covid-19.

Referências

ARAÚJO, Maria Isabel de. **Ajuri**: O saber tradicional dos agricultores familiares no contexto amazônico. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal do Amazonas - Manaus (AM), 2019.

BRITO, J. O. **Produtos florestais não-madeireiros**: um importante potencial nas florestas. Boletim Informativo ARESB, Avaré, n. 47, p.4, 2003.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Extensão Rural e Agroecologia**: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Brasília – DF. 2009.

COLOMBI, A. P. et al. **Emprego, trabalho e renda para garantir o direito à vida**. GT – Mundos do Trabalho: Reformas, do CESIT. Disponível em: <http://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/04/Versa%CC%83o.final_.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora: Paz e Terra, 9ª edição, Rio de Janeiro, 1997.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de Representação Social**: Um enfoque qualitativo. Brasília (DF): Liberlivro, 2012.

MACHADO, A. A. **Infecção pelo vírus Influenza A (H1N1) de origem suína**: como reconhecer, diagnosticar e prevenir. J. bras. pneumol. vol.35 n.5, p.464-469, mai. São Paulo, 2009.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 107p.